

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JULHO DE 1911

N.º 299

A COROAÇÃO DO REI DE INGLATERRA



JORGE V

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Recordando. Ha quantos annos, ha quantos... O antigo 2 de janeiro. A solemnidade d'esse dia. A abertura das Constituintes. Paralello. Estamos, emfim, na normalidade. Mas os de Braga pedem a palavra... Está aberta a sessão!—O sr. ministro da guerra e a sua acção. Visita de s. ex.^a ao Collegio Militar.—No Norte: tropas, mais tropas, muitas tropas. Uma revolução *scie*.—Um poeta aviador. O aeroplano Gouveia.—Coroação de Jorge V.

QUANTAS vezes, quantas, meu bom leitor e velho amigo, temos nós caturrado, n'esta pagina desenfastiada, sobre este velho e sempre novo assumpto que é a abertura do Parlamento? Quantas, quantas?... Eu sei lá!... E tu, tu sabes lá, também!... Se somos tão velhos, tão geadinhos, na cabeça e no coração—caruncho e desenganos!...

O caso é que ha bastantes annos já... Desde o tempo em que o facto se dava pontualmente a dois de janeiro—onde vae essa pontualidade!—pelas duas horas da tarde, com rei, com coches, com ministerio agalooado, com hymno da carta, com o discurso que invocava o auxilio da Divina Providencia tão divorciada da terra portugueza... Que velhos, que velhinhos nós estamos, oh bom, oh querido, oh amigo leitor! Pois se isto se passou ha tanto!...

Mas, para que insistir mais n'isto? Basta que tu, e eu, insistamos em viver... Olha que sempre ha cada caturrice... Emfim, emfim... *Se o velhote 'inda cá está*, como dizia o Tabora no *Ventura*, ao velhote cumpre vêr, ouvir e contar.

N'este caso da abertura das côrtes eu não vi nem ouvi. Li, apenas. Mas conto, sem me ser necessario um esforço de phantasia para supprir o que não vi nem ouvi. E a razão é simples: a abertura do Parlamento, n'este anno de graça de mil novecentos e onze, foi, sem differença sensivel, o mesmo acto de ha muitos annos. Simplesmente, elle não teve rei. Mas teve o sr. dr. Theophilo Braga, como querido patricio e mestre. Não teve discurso iniciador de trabalhos invocando a protecção da extincta Providencia Divina. Mas teve a oração presidencial no dia immediato, invocando a conveniencia de os srs. deputados não irem de encontro aos designios da Providencia Humana.

A solemnidade exterior do acto consistiu na costumada parada de todas as tropas da guarnição, d'esta vez saudadas com enthusiasmo pelo povo de harmonia com os serviços prestados na revolução de 5 de outubro, e na ornamentação da avenida que conduz da Esperança a S. Bento e que actualmente se chama... Eu sei lá como ella se chama!

Entrámos, portanto, n'esse memoravel dia 19 de junho, na normalidade. Bastou, para isso, terem-se reunido os representantes da Nação. Mas houve mais: n'esse mesmo dia os deputados validaram o acto revolucionario, proclamando officialmente a Republica. Foi um alivio para muita gente. Para quasi toda a gente. E digo quasi, porque pouco depois, os socios d'um gremio bracarense, Associação ou Club Catholico, soffriam a desillusão de vêr o mobi-

liario, livros, utensilios, etc., da sua associação, atirados pelas janelas por um grupo de exaltados que ninguem enxergou.

Está, pois, aberta a sessão...

O sr. ministro da guerra tem estado, ultimamente, muito em evidencia. Quasi ao mesmo tempo, s. ex.^a promulgou a reorganização do exercito, foi ao Porto em viagem de propaganda, fazendo um singlar discurso politico, no Theatro Agua d'Ouro, aos seus eleitores—o sr. Correia Barreto é deputado pela nobre e leal cidade do Porto—e acudiu, com medidas de uma rara energia á pretensa invasão do territorio, tramada em Hespanha, com uma rapidez e efficacia taes, que tal invasão annunciada para fins de abril, para todo o maio, para toda a hora, ainda agora não deu signal de si. Ah! Eu creio que teem carradas de razão os que chamam ao sr. Paiva Couceiro—*Capitão phantasma*. Teem razão e muita leitura de Ponson du Terrail, que era padre mestre n'este genero de alcunhas.

Incansavel, o sr. coronel Barreto tem visitado muitos regimentos e estabelecimentos militares com um disvello e actividade inexcitaveis. Ultimamente esteve s. ex.^a no Collegio Militar da Luz, inspecionando demoradamente todas as dependencias do edificio, inteirando-se de tudo, com um interesse porventura demonstrativo de bom desejo de reformar aquelle instituto.

Para o Norte e por causa do annunciado movimento revolucionario de que acima fallei, tem partido importantes forças militares: artilheria, infantaria, caçadores, cavallaria, marinhagem. O governo defende a Republica guarnecendo as fronteiras, tanto quanto lhe é possivel, com todos os elementos de que pôde dispor. A situação parece que não offerce gravidade. O orgão official do sr. ministro do Interior, com o louvavel intuito de tranquilisar o paiz, bastas vezes tem declarado—e nenhuma fonte é mais auctorizada—que não ha perigo algum e que, a dar-se uma incursão, ella seria esmagada.

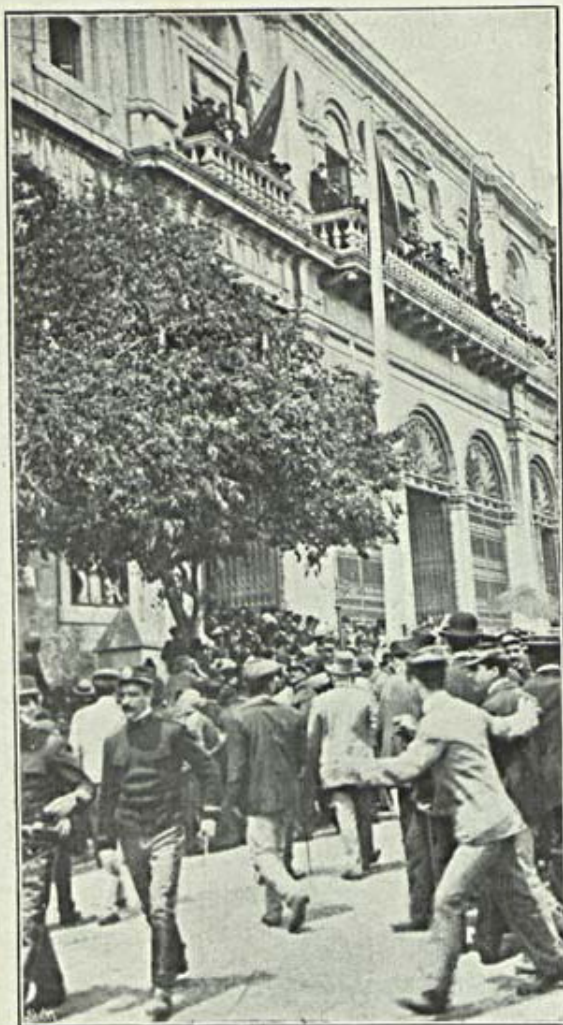
Effectivamente, os diversos pontos fronteiros devem estar bem guarnecidos, dada a quantidade de tropas e elementos de defesa que para lá partiram, não entrando em linha de conta os navios que fazem policia no rio Minho, no Algarve e os que estacionam no Porto, quando não percorrem a costa.

Effectivamente, os diversos pontos fronteiros devem estar bem guarnecidos, dada a quantidade de tropas e elementos de defesa que para lá partiram, não entrando em linha de conta os navios que fazem policia no rio Minho, no Algarve e os que estacionam no Porto, quando não percorrem a costa.

Um poeta aviador...

E' o caso de João Gouveia, o auctor do *Atlanta* e do *Engano d'Alma*. Depoz a lyra, este poeta. Seu espirito desceu á terra e trocou os arroubos da divina poesia pelos prosaicos estudos da aviação. E com tanto amor se dedicou á arte de voar que conseguiu, a despeito de difficuldades sem conta, de más vontades, de toda a especie de attrictos, construir a sua machina. Ella lá está effectivamente prompta, n'um campo do Seixal, no seu hangar proprio, á espera, com João Gouveia, de ordens do ministerio da

A abertura da Assembleia Constituinte



Na varanda do palacio de S. Bento

A proclamação da Republica

(Phot. de A. C. Lima)

guerra. E a um signal do sr. Barreto o poeta voltará outra vez aos espaços livres, de corpo presente — presente ao manifesto, caramba!

Eu acho logico que um poeta, a não fazer versos, se ocupe em tentar as azas. Mas um bom poeta, é claro. Quem nos diz que n'este empreendimento Gouveia não foi acoroçoado pelo exito das azas da sua inspiração? Mas é que foi, com certeza. O caso está em o aviador se manter no equilibrio em que o poeta se manteve.

Deus permitta que os calculos lhe saiam tão certos como os versos e que elle vòe tão serenamente que ao descer traga um volumoso manuscrito enrolado, debaixo do braço, e a todos nós diga:

— Pois, meus amigos, aqui está um poema que compuz nas despreoccupadas e deliciosas horas em que estive livre dos senhores...

... Voar, voar... para longe, para muito longe, para espaços onde não apparecesse ninguem a fallar de conspirações, de revoluções...

Mas, meu Deus, onde serão essas paragens?...

A' hora de fecharmos esta chronica a Inglaterra celebra com aquella pompa proverbial em todas as suas grandes festas, a coroação do Rei Jorge V. Os telegrammas profusos que as agencias enviam ás gazetas contam maravilhas d'essa extraordinaria solemnidade, de que fazemos uma pallida ideia, eu e o amigo leitor, pelas gravuras. E' o que se pode arranjar para gente de pouco dinheiro.

De pouco ou de nenhum, Eu por mim fallo.

CAMARA LIMA.

Noite de S. João

A D. Isabel Costa

Andam presas ao luar
As canções da mocidade
Como rosas de tocar
Orvalhadas na saudade
Que tem um doce chorar...

Mas n'esta noite tão santa
Ninguem chora; folga e dança.
Tem rouxinoes na garganta
Quem sente amor e esperança.
Quem já chorou, também canta.

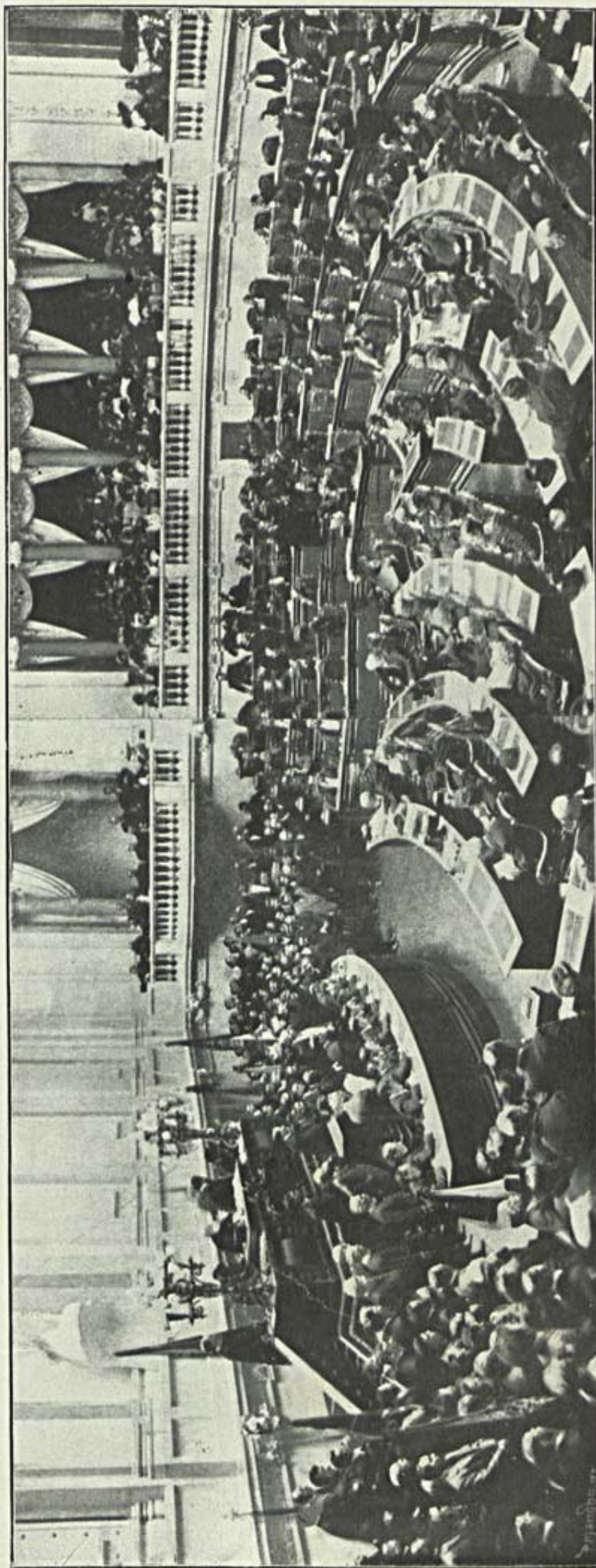
Labaredas abrazadas
Do loureiro e rosmarinho
Sobem ao ar perfumadas;
Pombas que fogem do ninho,
Como as almas namoradas.

O fumo branco, ondeado
Que se enovêla no céu
Vae evocar do passado,
O leve o candido véo
Que alguém poz no seu noivado...

Verde pinheiro que ardeu
Deixa cinza na fogueira
Que o vento depois varreu.
Mas fica a dôr verdadeira
D'um amor que se perdeu...

Sonhos bons que se sonharam
Vem de novo ao coração;
Andorinhas que voltaram
Na noite de S. João
Ao beiral que abandonaram!

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.



(Phot. de A. C. Lima)

A abertura da Assembleia Constituinte — A sessão solenne

SOUSA VITERBO

Não é sob a conjunção d'estes dois appellidos como epigraphe, que mais uma vez se ha-de applicar o conceito expresso na velha lenda: *les morts vont vite!* Elle não desapareceu, ninguem já lhe pôde apagar o nome da obra consideravel erguida pelo seu talento e esforço, como não se apaga tudo o que do remoto passado por sua evocação deslisou ante os nossos olhos.

Poeta, celebrou a juventude na lyra dos vinte annos com tal enthusiasmo, de tanto ardôr possuido, que parecia querer roubar a luz aos céos e o fôgo aos vulcões.

O progressivo estudo das sciencias medicas foi-lhe apagando nos bancos das aulas o culto da esthetica á medida que a mocidade lhe fugia.

... «como fôge um sônho de vaidade», segundo elle disse de Cesar nas *Harmonias Fantasticas* ao descrever a mulher do semideus, mais fantastica ainda que o esplendôr dos olympos pelos seus

percebe, mas que no poeta de cerebro ardente estivesse a crysalida de um tão profundo, como prosaico investigadôr de calhamacas e pergaminhos, ninguem poderia suspeitar.

Sônhos queridos de outra idade, as mais fagueiras esperanças, legitimas aspirações de quem tanto podia aspirar, tudo desapareceu em doido turbilhão da mente do intrepido investigadôr, que nem as mais empoeiradas memorias, nem as tremendas pilhas em que se acastelavam as chronicas, eram capazes de fazer recuar.

Diante d'elle, como se agitasse a varinha de condão de que fallam os contos de fadas, todo o passado ia surgindo com os seus factos, homens e ideas. Era esta a visão que mais o delectava, nunca em noites veladas, quando mais o ia bafejando a inspiração, sentiu enlevo assim.

Por isso, do poeta as estrophes lançadas ao vento viveram quasi que só na memoria dos amigos e o que d'elle apparece, em que se falla, é apenas o que a madura reflexão dos cincoenta annos não pode desdenhar.

Do erudito, que nas paginas do *Instituto de Coimbra*, nas *Memorias da Academia*, deixou indelevelmente gravado o nome em obras de tanto vulto, por bem notorios que são esses trabalhos ociosos é o fallar; do poeta, que bem poucos são os que o conhe-



Abertura da Assembléa Constituinte. — O desfile das tropas (Phot. de A. C. Lima)

carmes devassados, que a violencia das paixões a desenrollarem-se-lhe nos heroes, com mais furia que a das revoltas ondas.

Essa — «filha do silencio e filha da vertigem» — esplendida personificação do terceiro peccado mortal, foi o mais bello monumento que em sonhos ergueu á plastica, mas, como peccado que era, não a quiz elevar aos astros mantendo-lhe a alta linha moral da *mulher de Cesar*, fe-la, pelo contrario, muito humana, muito peccadôra. Camões, devaneando sobre as ondas dos oceanos no fragil barco, que as aguas a cada passo pareciam desconjunctar, podia ter resumido n'ella todos os encantos femininos, que aos sedentos marinheiros proporcionou na Ilha dos Amôres.

Ninguem, ao vêr Sousa Viterbo por essas ruas com o seu andar pausado, a apoiar-se um pouco na bengala, hombro direito ligeiramente descahido para a frente, como que amparando o tronco, já com os primeiros annuncios da doença terrivel que o victimou — ninguem poderia suppôr que fôsse o rapaz de espirito endiabrado, de quem tanto se fallava na rôda dos estudantes, e menos ainda, que viria a dar, annos depois, n'um sisudo erudito, o continuadôr de Innocencio!

Que Minerva sahisse armada de ponto em branco do cerebro de Jupiter, segundo a genese que o paganismo lhe traçou, ainda se

ceram como tal — se ha por ahi alguém que ainda d'isso se lembre! — tudo o que hoje se disser quasi que passa por ter fóros de novidade.

N'aquellle eden da Rua da Gloria — o segundo andar de uma pobre casita, antigamente com o numero 26 e hoje 32 — em tórno da tosca mesa de pinho, ou das janellas — uma de sacada e duas de peito — por onde se entretinha o commercio verbal para o exterior, n'aquellle acanhado espaço, que para os vóos da imaginação nos parecia um mundo, celebravam-se os encantos das visinhas — que não eram nenhuma peste — e até da patrão, na qual, apesar de espantallo de maus pensamentos que era, chegou Viterbo n'um momento da febre que não raro o assaltava, a descobrir traços de patricia belleza, mas não foi decerto a elle que se quiz referir quando escreveu:

«Dormiremos o somno dos amantes
E accordaremos pallidos esposos.»

porque, realmente, para um caso de tal natureza não era licita esta liberdade poetica.

No predio, contiguo do lado do sul, tambem no segundo andar,

apparecia uma ou outra vez, á janella, a cabeça esbelta de uma viscondessinha, muito celebrada pelas suas graças e gentileza e não menos citada pelas aneddotas amorosas em que entrou. Era

galanteios, dentro dos limites do respeito, tratavamos com essas potencias de igual para igual.

Uma tarde quiz por força que Viterbo lhe dissesse o que pen-



A abertura da Assembleia Constituinte — A artilharia desfilando pela frente do palacio de S. Bento

leviana, é certo, mas nunca desdenhou de ir alli visitar a mãe, que em precarias circumstancias vivia e nenhuma desgraça deixou de remediar quando soube e ponde.

Tanto para com ella, como para com as outras visinhas, o nosso

sava d'ella e apesar de se querer este esquivar, tal foi a insistencia que se viu forçado a dizer:

«Vossa Excellencia é uma estatua em cujo socco se grava hoje uma inscripção, amanhã outra e assim successivamente.»



A abertura da Assembleia Constituinte — O povo assistindo á passagem das tropas

(Phot. de A. C. Lima)

procedimento foi sempre da maxima correcção, que a vida bohemia d'aquelle tempo podia permitir. Sem requebros, nem importunos

—Muito bem, sr. Viterbo! exclamou muito encantada com a phrase em que ia tão justa apreciação.

D'alli a dias apanhava um soneto— e o caso não era para menos—rematando por isto.

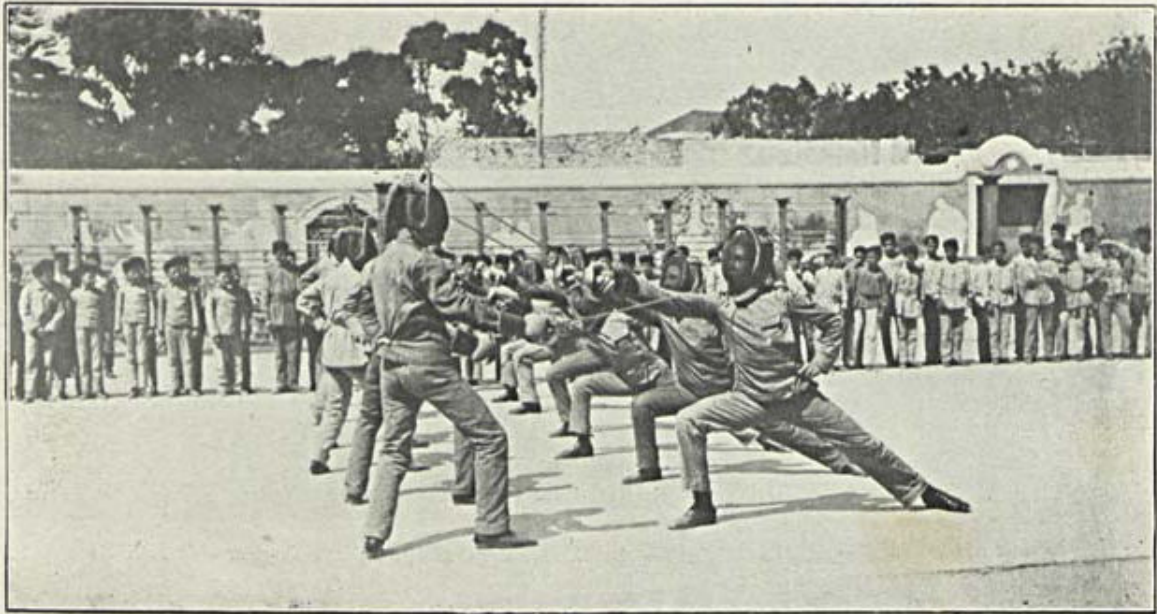
«formemo-nos em ala namorada...
Vae passando a senhora viscondessa!»

Ella tinha dictos que valiam poemas, encantava com a palavra,

porque os governos, afora os nomes individuaes e collectivos, se pareciam uns com os outros.

A celebre questão *coimbrã*, apparecia de vez em quando em scena, sobretudo quando Theophilo Braga se apresentou em Lisboa para concorrer á cadeira de litteratura do Curso Superior de Letras e veiu fazer uma conferencia á Federação Academica. Assistimos ás provas do concurso, festejamo-lo e no dia da decisão acompanhamo-lo em triumpho a casa. Na Rua da Gloria, discuti-

NO COLLEGIO MILITAR



Um exercicio de esgrima

(Phot. de J. Bonolie)

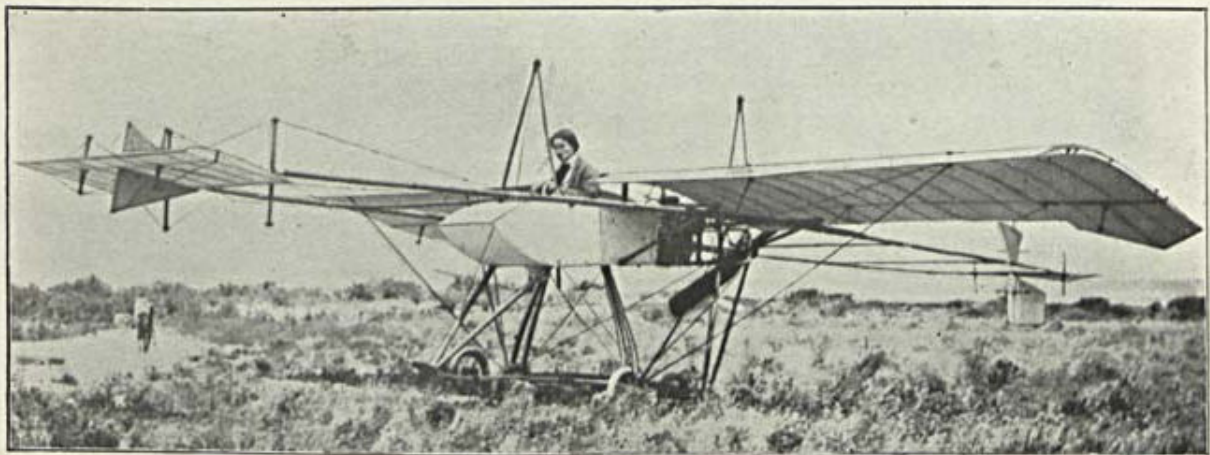
inflammava com o sorriso e... que saudades não fez brotar no peito d'aquelle tenor, a quem ao dar-lhe o retrato, escreveu n'este a seguinte despedida:

«Addio, anima di mia anima!»

ram-se e planearam-se tantas coisas que, a realisarem-se e a terem de ser feitas por nós, teriamos de pedir á Providencia que nos quadruplicasse a vida, pelo menos.

E elle ia versejando sempre, dando a cada assumpto novo estrophes novas. A' França esmagada pela guerra de 70:

A conquista do espaço



João Gouveia no seu aeroplano

(Phot. de J. Bonolie)

affectuossissima, como se vê, a mais não poder ser.

De tudo se tratava n'aquelle synhedrio a que me vou referindo, menos de politica, assumpto este de que ninguem se occupava, e vivemos sempre na doce ignorancia de quem estava no poder,

.....
«E á voz da minha musa, ardente, extranha,
e ao clarão das estrophes sanguinarias
esmagaria a pavida Allemanha!»

Em «O Evangelho das mães»:

.....
 «Outr'ora das espadas aos lampejos
 Compozeram-se os livros do Alcorão...
 Brote a Bíblia ao calór dos nossos beijos!
 Nasça a Bíblia do nosso coração.»

Fallava-se na pena de morte, o que o fez
 disparar contra o carrasco «feito de barro e de
 miseria» toda a sua ira:

.....
 «Matar é para elle uma alegria
 um sorriso de prospera manhã

Elle é de barro? Não. E' de granito!
 Não treme, não vacilla, não se inquieta,
 ante o collo gentil d'Antonieta,
 ante a fronte orgulhosa de Rolland.

.....
 Que lhe importa que os martyres que passam
 levem no rosto a livida tristeza,
 que sejam os heroes da Marselheza,
 que morrem como os cysnes, a cantar?»

Era repentista. Ao sairmos de casa fizemos
 reparo n'uma panella enferrujada, que na janella
 da esquina se estava ostentando vaidosa com o seu
 lyrio aberto e enfésado. Allí, defronte da pobre
 flór e na presença de companheiros e visinhos,
 exclama, dirigindo-se para a sacada:

«Lyrio nascido em urna do Oriente
 e acalentado em seio pudibundo,
 lyrio que Deus mandava de presente
 aos que bebem as lagrimas do mundo;

A cerimonia da imposição das insignias da Ordem da Jarreteira ao actual príncipe de Galles



Como se apresentaram os reis de Inglaterra na cerimonia

A coroação do rei Jorge V, de Inglaterra



Uma festa no Club Inglez, em Lisboa, para celebrar o acontecimento

(Phot. de J. Benoliel)

Assumptos militares

O regimento de infantaria n.º 18 fazendo exercicios na serra do Pilar



Construindo trincheiras para protecção das metralhadoras

.....
Lyrio nascido em urna do Oriente
que olhar de fogo te queimou assim?...
Podêsse-te eu guardar eternamente
n'um herbario de folhas de setim!»

Os visinhos estavam já sufficientemente preparados para ouvir isto e muito mais.

Em 1900 não podendo eximir-se ás sollicitações da Empreza

privou nos dias da mocidade, todo entregue ás letras no santuario do lar onde a doença o retinha, ninguem era já capaz de descobrir nas suas profundas investigações de historia, n'essa montanha de paginas compactas, o denodado cantor das visinhas da Rua da Gloria e d'aquella patrão, do 26, 2.º

L. F. MARREAS FERREIRA.

O PREMIO DA VIRTUDE

Não teve da virtude o desejado,
O justo premio que a esperar vivia
— E era como que um anjo idolatrado! —
A pallida Maria.

Mas o alcançou certa mulher casada,
Que com animo forte,
Apezar de viver amargurada
Foi fiel ao marido até á morte.

CAMPOAMOR.

Abundancia de brilhantes

O correspondente de agencia Reuter, King Williams Tow, transmite á mesma agencia permonores sobre as ricas jazidas diamantíferas descobertas nos territorios allemães da Africa do Sul Occidental, entre o Bechuanalandia e o Atlantico.

A descoberta foi em fins de julho de 1909, nas proximidades de Laderitzburg, e presentemente a exploração atinge a cifra de 12 a 15:000 quilates por mez.

Os jazigos são pouco profundos, com pé, termo medio, em terreno arenoso, de modo que a extracção não pode ser mais ba-



O regimento de infantaria n.º 18 fazendo exercicios na Serra do Pilar — Em fogo

(Phot. de J. Benoliet)

da Historia de Portugal, prefacia os *Lusiadas*, diz do grande épico: «O seu ouvido afinou-se pela musica do oceano e ninguem melhor do que elle regeu a orchestra das vagas e dos ventos» revelando n'este e em muitos outros trechos a reacção, que lhe ia no espirito contra os progressos da doença e os annos de prosa.

Esses fugitivos lampejos, em que se reconhece o rapaz que foi, são o canto do cysne. Retirado do convivio dos amigos, com quem

rata nem mais facil. Um operario chegou a extrahir 50 quilates n'um só dia.

A qualidade das pedras é excellente, a crystallisação perfeita, perdendo-se assim pouco na lapidação.

A transparencia é nitida.

Prevê-se por isso uma baixa consideravel no preço dos diamantes em vista da abundancia dos mesmos.

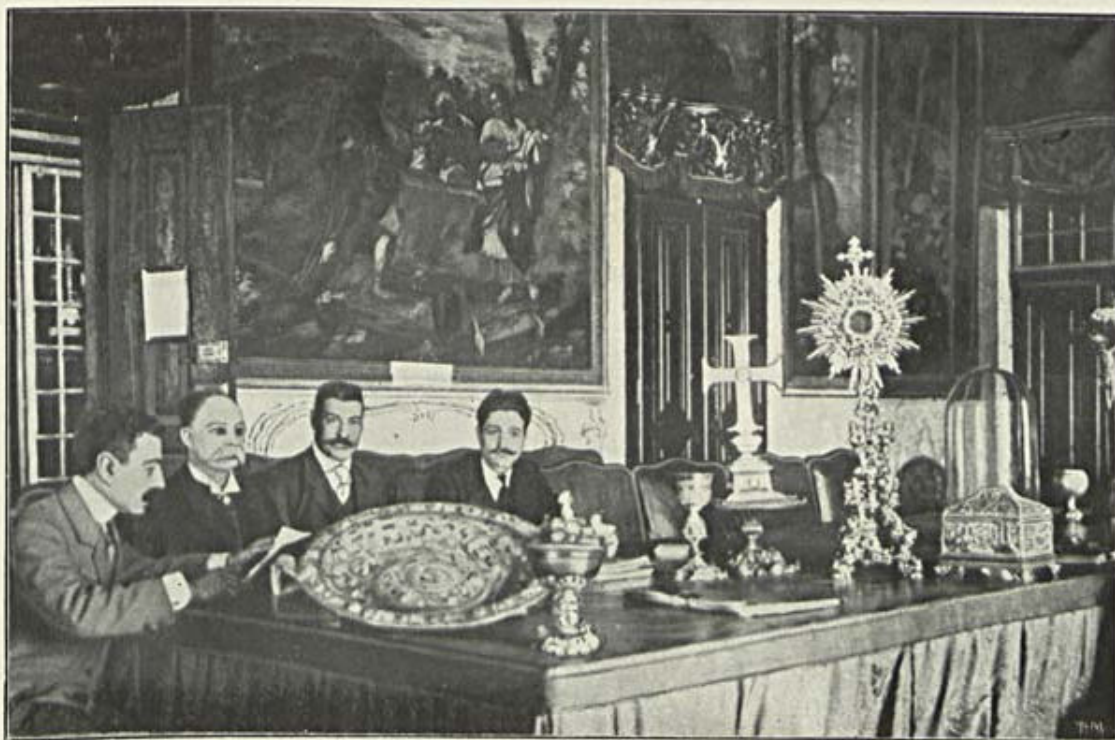
A ALMA

— Mamã, nem todas as creanças vão para o Paraizo. Outro dia foi para o cemiterio um menino que tinha morrido; o seu papá

— Maria, acabas de me dizer que tivestes pena de vêr chorar as duas pequerruchas...
— Tive sim, mamã; tive muita pena.
— Ora bem, o que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? Eram os braços?
— Não mamã.

A lei da separação do Estado das Igrejas

O arrolamento dos bens das igrejas



O arrolamento na Sé de Lisboa — A comissão procedendo ao inventario

(Phot. de J. Benoliel)

Em cumprimento do disposto na lei de separação, principiou no dia 27 do mez findo o inventario dos bens existentes na Sé de Lisboa, cujo valor é calculado em 3:000 contos, tal a quantidade de preciosidades que se guardam no thesouro d'esta igreja.

e as duas irmãzinhas acompanhavam o caixão e choravão tanto que me fez pena. lam a chorar: aquelle menino tinha sido máo, não é verdade?

— Eram as orelhas?
— Oh! mamã: era cá dentro.
— Esse lá dentro, Maria, é a tua alma, que se alegra ou se

Trabalho dedicado á comissão das festas de homenagem a Camões pelo distincto artista Alfredo Marçal Brandão



Nota—N'uma penna de pato os seguintes dizeres (pintura):

LUIZ DE CAMÕES

N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna
CANTO VII — EST. LXXIX

Lusiadas

— Não; naturalmente foi sempre bom, e a sua alma, enquanto choravam suas irmãs, já estava vivendo no Paraizo.
— A alma, mamã? não sei o que é: não comprehendo bem.

entristece: que te reprehende quando fazes o mal, e que está satisfeita quando praticas o bem.

GUERRA JUNQUEIRO.

Figuras antigas

III

Só viveu mais um anno o caridoso reitor da serra.

Rosalia escolhera, para viver, uma eminencia da povoação que dominava os campos e a casaria escura, installando-se n'uma casita branca e baixa, sem divisões interiores, e tão enleada na verdura mystica de martyrios, que o sol, coando-se fracamente atravez das folhas, se esbatia lá dentro, transfigurando as coisas, na meia luz religiosa de uma capella rustica e silenciosa.

Quem passa á altura da porta e das janellas, via Rosalia melancholica e absorta, como uma ave linda de paiz estranho a que o vento e o frio da serra tivessem roubado o canto e a graça.

A' volta d'ella, nos montes e nas hortas, nas ruas e nos lares,

seu generoso protector. Vinham-lhe horas em que a torturava a illusão angustiosa de ver as paredes da sua pequenina casa a apertarem-se para a esmagar. Corria, então, á janella que dava para a serra, a respirar mais alto, mais longe e mais fundo.

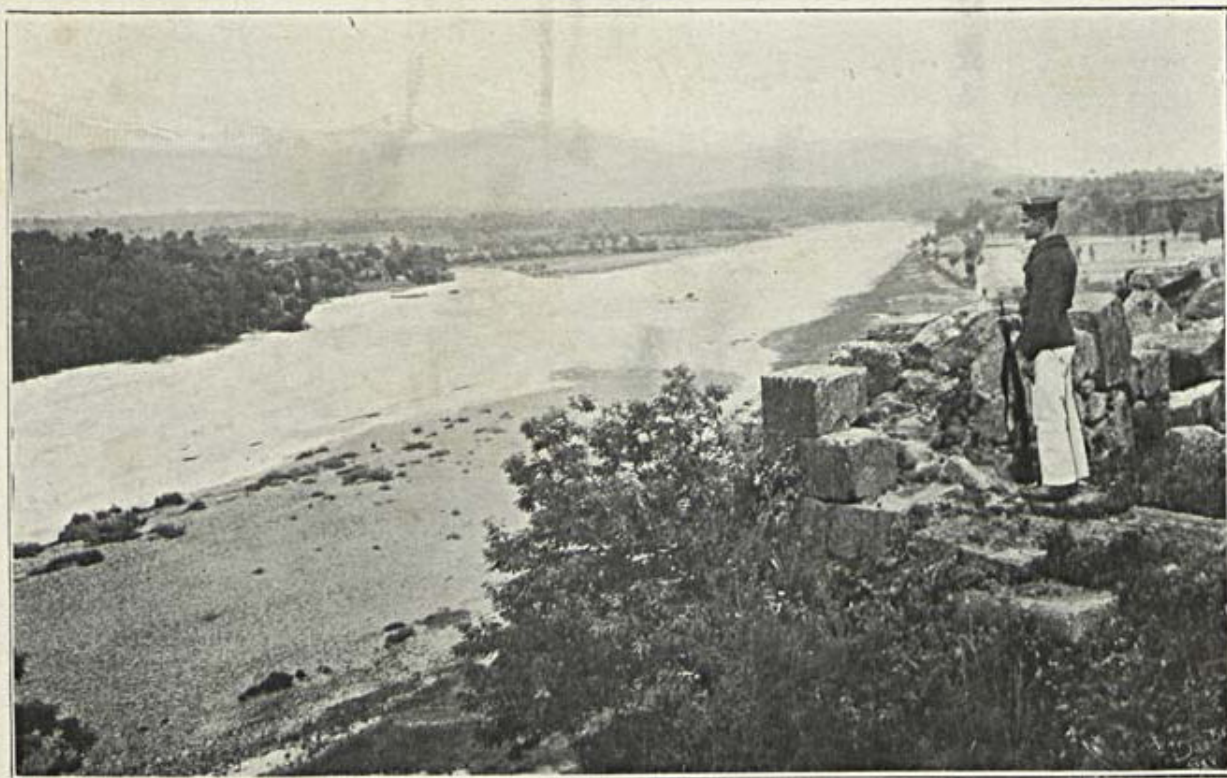
Sobre o povoado esvoaçavam as canções vindas dos campos, os ventos eram frios, o ceu immenso, a perspectiva desaffogada. Sentia-se logo melhor. Sobretudo acalmava-a, quasi adormecia, o ruido forte e alegre d'um tear visinho que uma rapariga batia, pelo dia fóra, a marcar o compasso ligeiro de cantigas simples.

Desejava, então, saber tecer. Saber tecer seria para ella, isolada na aldeia, encher de harmonias o trabalho com que se ganhava a vida.

Os pentes do tear, gemendo saúdades dos cannaviaes quando os pés da tecedeira os calcavam, o som ruidoso de bater o fio no panno tenso, o cantar da lançadeira ruflando de mão a mão, como o esvoaçar de uma ave presa, os gestos rapidos e graciosos da moça garganteando canções alegres, compassadas

A conspiração monarchica

O que se passa no norte do paiz



Nas ruínas do castello de Monsão — Uma sentinella de marinha vigiando as terras da Galliça

(Phot. de J. Benoit)

as alegrias e as canções erguiam-se com tanto jubilo sobre a sua melancholia, que a aldeia e os campos pareciam sempre em festa em torno da sua casa que era a ermida.

«Se ao menos houvesse trabalho...»

Mas não. As moças da aldeia tinham por deshonra dar a roupa a costurar.

Ai d'aquella que não fizesse a roupa branca da familia. Podia talhar a mortalha de solteira e guardal-a no fundo do arcaz até que a morte viesse buscal-a, velhinha, secca e virgem, para a alcova do tumulo.

Das raparigas assim, diziam os noivos que não tinham mãos.

Por isso, as encomendas de Rosalia eram poucas e todas grosseiras, porque o linho fino ia vender-se á cidade, ficando, para os camponeses, os tecidos asperos dos tomentos e das estopas, onde os seus dedos mimosos se limavam até ao sangue, e a thesoura fina se senhoreia a ranger, saudosa, das sedas e das cambraias do Porto.

Rosalia antevia já a miseria para depois da morte proxima do

pelo ondular dos seios livres no chambre largo de panno, todas estas harmonias, rusticas e vigorosas, pareciam saltar dos dedos da rapariga, ao corrêl-os sobre mil fios de linho como sobre mil telclas de marfim.

Lembrava-se, então, não sabia porque, de uma visinha do Porto, noiva, rica e feliz, que levava os dias a tocar piano...

Rosalia emmagrecia a olhos vistos, e o pobrissimo reitor já mal se arrastava até á Egreja.

«Se ao menos tivesse parentes a quem a recommendar!...»

Este pensamento do futuro roeu-lhe o coração em poucos mezes. Uma tarde de verão, Rosalia foi encontral-o agonisante, de uma syncope cardiaca, na velha cadeira de castanho.

Beijaram-se ainda extremosissimamente n'um supremo adeus!...

Quando, horas depois, Rosalia acordava de um doloroso deliquio, os sinos dobravam funebremente a acompanhar os gritos de uma povoação inteira. Velhos, moços e creanças, soluçavam, sentidamente, á volta da residencia. Tudo chorava a morte d'esse bom velho que havia cincoenta annos começara o officio pastoral por

arrancar a fechadura do presbyterio, pondo á entrada da casa um açafate de pão, já partido, para que os pobresinhos gastos e doentes se não cansassem a pedir.

Em tantos annos, nenhum escandalo, nenhum crime na parochia; e se, ás vezes, acontecia uma discordia ou um tumulto alterar a paz do rebanho, a sua mão erguia-se, branca e pacificadora, acima d'elle, como a hostia na Igreja, inclinando logo todos a frente, silenciosos, arrependidos e reconciliados em boa amizade.



O que se passa no norte do paiz
O quartel dos marinheiros em Monção

— Ah! Como este não torna cá a entrar!... — clamava o povo inconsolavel.

— Este ensilveirou a Igreja!...

— Era um santo!... o pae de todas as familias!... um irmão de toda a gente!...

Choravam-no sinceramente. O sino dobrou oito dias como na morte do papa, suspenderam-se os trabalhos ruraes, os homens trajavam pesadamente de capote e as mulheres, vestidas de preto, só entravam na Igreja levando erguidas em arco, acima das cabeças, as velhas mantilhas de briche com que os avós guardavam os luctos rigorosos de familia.

Rosalia é que não tivera forças para voltar ao templo. Só a lembrança de ver sentada, na cadeira parochial, a figura sombria do novo reitor, que viera substituir o espirito claro e bondoso do padre Januario, a lançava n'uma insoffrivel crise de saudade.

Mas o povo é que não via com bons olhos a sua falta ás orações.

Para mais, Rosalia não deitara o luto da região.

E para aquella gente que até os santos vestia de briche, nos luctos da semana santa, o setim negro do vestido e o veu preto que trouxera do Porto eram escandalo e esquecimento do bom padre Januario.

— Pois não lho merecia, que elle não via outra coisa!... — lastimavam os mais indulgentes.

— Era até para andar toda a vida a beijar a terra que elle pisou!...

— Beijar a terra!... — censurava uma despeitada — Sim, sim... Não, que ella é fidalga!... O que sabe é arrastar vestidos na terra em que a gente gasta as mãos a cavar!...

— Que cave... que cave como nós... Que aprenda a sarchar, a regar e a fiar... Ora!... ora!...

— Ail deixae-a que ella agora ha-de abater a colla... Veiu p'rá ahi a fazer pouco de nós todos, como se cá a gente não soubesse talhar a roupa!... A tudo punha pitafe... mas agora é que ella vae saber o que custa a vida...

Rosalia pensou em voltar para o Porto. Mas como? Para onde ir, inexperiente e sem dinheiro?

O novo reitor, sabendo do conflicto, visitou-a, promettendo-lhe que ia servir de intermediario para elucidar a freguezia. Mas que influencia podia ter no povo quem começara o pastoreio pondo tranca e chave na porta da residencia e armando o muro do pas-sal com estilhaços de garrafas para que as creanças famintas o não escalassem a apanhar as fructas cahidas?

Rosalia e o povo olhavam-no com desconfiança. Todos receiavam este homem sombrio que até na luz encontrava peccado. Na opinião delle, só no escuro se meditava e se adorava bem, e nem os homens deviam apreciar outra luz que não fosse a da graça divina; por isso elle mandára velar, com pannos negros, as janelas da igreja que o velho reitor mandára rasgar para que o sol chegasse bem ao sacrario.

(Continua.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Pensamentos

O habito de amar, é facil de adquirir, mas difficil de perder.

A mulher que sabe sorrir graciosamente e a proposito, nunca é feia.

Se as mulheres cuidam tanto da sua belleza, é porque os homens só pela belleza as amam.

MME. LAMBERT.

Todo o mal que as mulheres nos fazem, vem de nós; todo o bem nasce d'ellas.

A. MARTIN.



O que se passa no norte do paiz
O tenente Navarro falando com os marinheiros na Praça
de Deu-lá-Deu, em Monsão

(Phot. de J. Benoliel)

Em questões d'amor, da innocencia ao peccado apenas vae a distancia de um beijo.

Amar um ingrato, é o mesmo que não amar ninguém.

PLAUTO.

As metamorphoses de uma "brioche"

POR

EUGENIN CHAVETE

Ella exclamou, alegre por viver, vendo os raios matinaes de um sol primaveril inundarem de luz o quarto:

— Visto que estás sempre a censurar-me por eu não fazer

la-la, ah! como vou ficar contente com a minha *brioche* bem quente.

LULU. — Sabes perfeitamente, Niniche, que te compraria cem *brioche*s se assim quizesse... Mas, permite-me um conselho: não te irá esta *brioche* tirar o appetite ao almoço?

NINICHE. — Tens razão! Olha, para te provar que sou uma rapariga economica, renuncio por hoje á minha *brioche*, porque seria uma tolice ir gastar inutilmente uns doze ou quinze francos, só para olhar para os pratos de almoço. Mas já que evito que esse dinheiro seja desembolsado sem proveito, dar-me-has como recompensa, um bule de porcelana, dos mais baratos, de 25 soldos.



O que se passa no norte do paiz — Uma ronda de marinha percorrendo a margem do Minho

exercicio, se queres, vamos sair de braço, a pé, como dois verdadeiros amantes, e iremos almoçar n'algum botequim que não seja careiro. Que te parece?

— Da melhor vontade! minha bichaninha.

— Vês como sou boa rapariga? E dizes que te arruino em carruagens? Mas, se o meu Lulu quizer ser amavel... obsequioso... attencioso para com a sua Niniche, pagar-lhe-ha uma cousa, que ella deseja... ah! que deseja ha muito tempo.

Sentindo apparecer a exploração, o Lulu em questão teve um movimento nervoso a murmurou:

— Naturalmente mais alguma bugiganga inutil e cara?

— Oh! como é feio o que acabas de dizer, exactamente quando acabo de repetir que não te quero fazer gastar dinheiro! Está bem, senhor; eu pagarei este capricho do meu bolsinho... tambem deixo estar que o não arruinava, reles avarento!

— Vamos, Niniche, não te zangues e dize-me que capricho é esse.

— Imagina que, ha tres annos, sempre que passo pela famosa loja das *brioche*s de um soldo cada uma, morro de desejos de comprar uma... mas não me atrevo, porque, percebes, uma senhora, só e bem vestida... tinha um ar de esfomeada, que gastou o dinheiro do jantar em *toilette*. Quando por lá passarmos, irás sózinho comprar a *brioche*, que esconderei logo na minha algibeira.

Imaginam bem o enorme suspiro de satisfação que o Lulu deu ao conhecer a modesta phantasia da Niniche.

Quando se pozeram a caminho, travou-se o seguinte dialogo:

NINICHE. — Ind'agora foste muito amavel falando das minhas *inuteis e custosas bugigangas*! Eu que faço todos os esforços para ser uma boa dona de casa muito economica... Julgas que encontrarás muitas amantes que se contentem com ir a pé e comprar uma *brioche* de um soldo? E' verdade, que esta vida agrada-me, porque se eu tivesse o minimo gosto pelo luxo, bastava-me dar ouvidos ao barão de Tosté... Ah! está um, que me offerece não uma *brioche*, mas cousas muito melhores! Vamos, não te faças ciumento: já te tenho dito que o não posso aturar. (*Alegremente*). Tra-

Hein! sou ou não sou uma boa dona de casa! parece-me que é um objecto de utilidade.

LULU. — Mas não se póde fazer o chá n'uma cafeteira? bem vês, pergunto-te ingenuamente... não é para te recusar o bule.



O que se passa no norte do paiz

Marinheiros de ronda n'um caes proximo de Caminha

(Phot. de J. Benoitel)

NINICHE. — Pelo contrario, tens muita razão, visto que se póde fazer o chá n'uma cafeteira, não insisto no meu pedido; tanto mais que me faltam outros objectos muito mais uteis para comprar... sapatos, por exemplo.

LULU. — Sapatos!! Mas tu tens mais de vinte pares.

NINICHE. — Sim, mas faltam-me uns sapatos côr de rosa... Vi uns muito bonitos, quinze francos... é verdade que com os sapatos côr de rosa é necessario ter tambem o vestido da mesma côr... mas os sapatos são sufficientes para o meu projecto...

LULU, inquieto. — Que projecto?

NINICHE. — Vou-t'ò dizer, mas não te has de zangar. E' para fazer desesperar o barão Tosté; elle imagina que com a sua imensa fortuna, triumphava em tudo. No outro dia, como eu lhe dissesse que a côr de rosa me ficava muito bem, começou a offerecer-me... a offerecer-me... e era o seu Lulu para aqui, o seu Lulu para ali, como se falasse de um pelintra que não tem meio de offerecer um vestido... de tafetá côr de rosa... muito barato... ahi d'uns sessenta ou setenta francos. Então prometti a mim mesma, para humilhar o barão, a primeira vez que elle viesse, recebê-lo de roupão com os meus sapatos côr de rosa, e dizer-lhe: «Ah! barão, se tivesse chegado cinco minutos mais cedo, teria podido certificar-se de que a côr de rosa me fica muito bem; estava vestida d'essa côr, olhe, ainda tenho calçados sapatos côr de rosa.» D'este modo julgaria que me tivesses pago o vestido,

LULU, irritado. — Ah! com que então o tal barão imagina que eu sou algum maltrapilho, um mendigo? Não consinto que se represente semelhante comedia; graças a Deus! tenho meio de te dar tres luizes para comprares o tal vestido côr de rosa.

NINICHE. — Não, não meu pateta, não, não quero, se eu fosse gastar tres luizes n'um vestido que se torna em farrapos ao terceiro dia e cuja côr se desvanece em apanhando uma restea de sol, seria mais um motivo para tu dizeres que eu compro inutilidades! Oh! não sou tão má dona de casa como isso... Se eu comprasse um vestido, querel-o-ia... aproveitar bem... para todas as estações, de uma côr mais duradoura... de setim de Leão por exemplo — enfim um vestido de quatro luizes.

LULU. — O quê setim de Leão custa só quatro luizes?

NINICHE. — Nem mais um soldo... juntando-os aos tres luizes que me deste para o vestido côr de rosa. Ah! então é que o barão de Tosté ficaria furioso por vêr que não tenho que esperar pelo seu dinheiro para me vestir.

LULU, ciumento. — E eu provarei que não esperas. (Decidido). Na primeira loja de modas, comprarás o teu vestido.

LULU. — O que tens tu?

NINICHE, com um grande suspiro. — Eu, nada.

LULU. — Mas então! tu querias um vestido e quando o estavas a escolher, foges!



O que se passa no norte do palz
Marinheiros juntos da casa que lhes serve de quartel
em Villa Nova de Cerveira

NINICHE, muito triste. — E' que junto do que me agradava... á esquerda... vi o sonho dourado de toda a minha vida... e que me tornaria tão feliz.

LULU. — O que era então?

NINICHE. — Nada, nada, já te disse que não quero fazer com que pratiques uma loucura. (Com um suspiro). Ah! as mulheres um pouco coquettes deviam ter nascido cegas... a não ser que tivessem uma fortuna como a do barão de Tosté!



O que se passa no norte do palz — Marinheiros e guardas fiscaes vigiando um caes de desembarque

(Phot. de J. Benoliel)

NINICHE. — Exactamente a cem passos d'aqui ha uma muito bem fornecida.

Chegados deante da loja os dois amantes examinaram os vestidos expostos no mostrador. De repente Niniche arranca-se bruscamente a este espectáculo, e arrastando o seu Lulu, continua o seu caminho sem dizer palavra.

LULU. — Sabes já me massas com o teu Tosté! era melhor que me disseses o que te entristeceu no tal mostrador.

NINICHE. — Bem: visto que o queres, digo-t'ò: foi um vestido de velludo.

LULU. — O quê! pois é por um vestido de velludo que tu estás assim triste e a divinisares o teu barão!!! Não se dirá que elle

é um Crespo, e que eu com os meus 30:000 francos de renda não passo de um mendigo!! Visto que o vestido de velludo te agrada...

NINICHE.— Sério, tu compras-m'o? palavra, seriamente?

LULU.— Voltemos á loja.

NINICHE.— Não, no outro boulevard sei de uma loja ainda melhor montada. (Com alegria). Ah! que felicidade! Qual o Lulu

— Terás tu agora outro desejo?

— Sim?

— Qual?

— Antes quero que tu cases commigo.

Não se riam, leitores. Elle desposou-a hontem na igreja da Boa-Nova, e ao sair da igreja, a noiva, vendo-se na rua da Lua, exclamou;

— A proposito da Lua! Olha lá! Lulu... afinal, depois de tudo isto, não me compraste a *bricoche*.



A cidade de Orense, na Galliza, onde residem muitos dos conspiradores

que se pode gabar de ter tornado a sua Niniche bem feliz? E's tu, meu amorsinho. (Reflectindo). Dize-me, queridinho, achas que o meu adereço de azeviche fica bem sobre o velludo?

LULU.— Oh! não; o velludo o que dá sobretudo é brilho á pelle...

NINICHE.— E os diamantes. (Sonhadora). Ah! ahi está o que eu nunca hei de ter!... diamantes..

LULU.— Isso é que não se sabe.

NINICHE.— Está já sabido! porque ainda não ha oito dias, tive uns de cinco mil francos na minha mão... bastava-me dizer um *sim*... e seriam meus.

LULU.— Ainda esse Tosté, não é verdade? E tu recusastel-os?

NINICHE.— Sim, mas eram bem tentadores, porque para uma mulher, os diamantes são coisas solidas... um vestido de velludo é muito bonito, mas gasta-se... emquanto que os diamantes são dinheiro. Ah! eu é que me importava pouco de trazer um vestido de linho se tivesse diamantes.

LULU, inquieto.— Então, deixavas-me por uns diamantes?

NINICHE.— Então, que queres! é uma questão de futuro. Serias o primeiro a aconselhar-m'o, se me amasses seriamente.

LULU.— Então tu não te importas commigo?

NINICHE.— Como és massador com as tuas perguntas! Vejamos, sé justo: tu podes abandonar-me de um momento para o outro... e eu estarei n'uma situação falsa... Terei recusado um homem cuja generosidade, assegurando o meu futuro, lhe teria dado direitos de confiar na minha afeição, na minha fidelidade e no meu reconhecimento.

LULU, raivoso.— Com os demonios! Não cedo! quero saber se a gente se pode fiar no reconhecimento das mulheres.

NINICHE.— Que queres dizer?

LULU.— Vamos entrar n'um ourives, e tu escolherás ao teu gosto.

NINICHE, entusiasmada.— Ah! como tu és bom! Eu é que nunca esperava semelhante surpresa. Como o Tosté vae ficar embasbacado ao vêr o meu adereço .. elle que só me offerecia brincos.

LULU, nervoso.— Terás os brincos e o adereço, mas por Deus! Cala-te com o teu eterno Tosté.

Quando o ourives expoz os adereços em frente de Niniche, esta agarrou-os primeiro com uma alegria febril; mas de repente socegou e tornou-se pensativa.

— Então! Niniche, o que tens? Parece que isto te não dá prazer.

— E' verdade.

Recenseamentos no Rio de Janeiro

Tem-se procedido na cidade do Rio de Janeiro a dez recenseamentos.

O primeiro remonta aos fins do seculo XVIII, foi emprehendido em 1799 por determinação do Vice-Rei Conde de Rezende. O segundo effectuou-se em 1821 sob a direcção do ouvidor da comarca Joaquim José de Queiroz. O terceiro deu-se no anno de 1838 por ordem de Bernardo Pereira de Vasconcellos, ministro do Imperio. O quarto realisou-se em 1849 por determinação de Euzebio de Queiroz, ministro da justiça e foi feito sob a direcção do dr. Roberto Jorge Haddock Lobo. O quinto occorreu em 1856, sendo ministro da justiça o conselheiro José Thomaz Nobre de Araujo. O sexto realisou-se em 1870 por ordem do ministro da justiça Paulino José Soares de Sousa. O setimo effectuou-se em 1872 pela Repartição de Estatistica, sendo ministro do Imperio o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. O oitavo (primeiro realisado na Republica) deu-se em 1890, sendo ministro do Interior o dr. José Cesario de Faria Alvim. O nono effectuou-se em 1900, sendo ministro da Industria, o dr. Alfredo Eugenio de Almeida Maia e o decimo realisou-se em 1906 por ordem do prefeito do Districto Federal, dr. Francisco Pereira Passos.

Em 1799 a população apurada subiu a	43:376
Em 1821 » » » » »	112:695
Em 1838 » » » » »	137:078
Em 1849 » » » » »	266:466
Em 1856 » » » » »	151:776
Em 1870 » » » » »	235:381
Em 1872 » » » » »	266:831
Em 1890 » » » » »	522:651
Em 1906 » » » » »	811:443

O recenseamento de 1856 não attingiu a tres freguezias inteiras e diversos quarteirões.

O de 1900 foi annullado por imperfecto.



A cathedral de Orense



Em Orense — A guarda civil guardando os wagons apprehendidos por conduzirem armamento para os monarchicos portugueses

Assumptos historicos ⁽¹⁾

Noticias vindas da Galiza que confirmam a «protecção» dos Francezes

Sant-Iago, 29 de Junho de 1808.

ATÉ agora nos havemos negado ás repetidas instancias de publicar a ordem junta, escripta com sangue, para poupar a nossos Leitores o estremecimento, e espanto, que havemos soffrido ao vê-la. Não ha entranhas que resistam a tanto tormento, sem que a viva indignação, que causam tão atrozes medidas, possa alliviar o coração da aguda pena, que é impossivel deixar de sentir por mais duro que seja; porém, em fim, trata-se de informar a todos, de qual é a *Regeneração*, que se nos promettia, e em que consiste a felicidade que nos esperava: estas poderosas razões nos fizeram ceder, e dar ao Público esta amargorosa representação.

Copia da ordem original, que tinham os Capitães Generaes, remettida por S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, com rigorosa prohibição de ser aberta até 6 de Junho, e que pelas bem sabidas occurrencias se abriu com bastante antecipação ao dito praso. Litteralmente he a seguinte:

Primeiramente deverá embarcar-se toda a Tropa que se acha em . . . e conduzi-la a este meu Reino, observando pontualmente o determinado: antes, e depois de embarcadas se sujeitarão, para maior segurança, pelos dois dedos grossos com os anneis prevenida para este fim. A' volta dos Navios conductores se embarcará a Guarnição de . . . observando o mesmo methodo, levando ao mesmo tempo todos os petrechos de Guerra.

Para regulção das Igrejas, e Conventos despacharei um Commissario, ficando só em cada Convento o *Procurador*, e o *Prelado*, e em cada Igreja um *Reitor*, para que uns e outros deem conta de todas as allayas, rendas, terras, casas, Capellas, que lhes correspondem; e todos os *Religiosos*, e *Clerigos*, sem excepção alguma serão trazidos a este meu Reino, devendo seguir-os logo os *Arcebispos*, *Bispos*, *Abades* e *Priores* das Collegiadas.

(1) Como os leitores verão pela data, o documento que vamos transcrever, especie de jornal de formato pequeno, como eram quasi todos os que na época se publicavam dando noticias dos movimentos das tropas francezas que invadiam a península, completou em 29 do mez findo, dia de S. Pedro, 103 annos. A sua antiguidade bastaria para torna-lo interessante. Accresce, porem, que revela um facto demonstrativo da *protecção* que os francezos d'esse tempo nos queriam dispensar, de certo desconhecido de muitos dos nossos leitores.

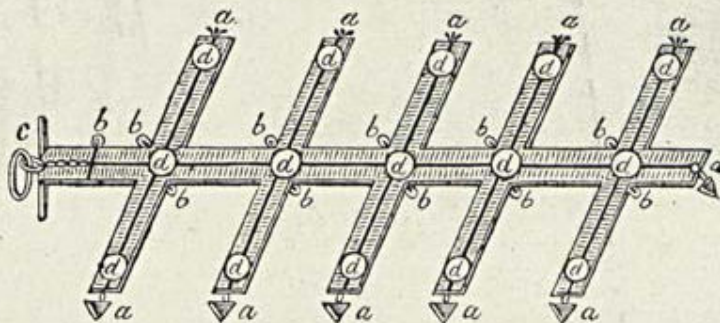
Immediatamente principiará a conducção dos Habitantes a este meu Reino, dando principio pelos de maior representação, e se entregarão as casas, e fazendas aos meus Vassallos os Soldados *Francezes*; e se se notar alguma resistencia, ou alvoroço, serão castigados exemplarmente os tumultuarios, enforcando-os, ou arcabuzando-os, para exemplo dos outros. Justicas, conducções, e embargos, tudo se apromptará militarmente, por que a grande empreza assim o pede.

Ajuntaremos ao sobredito a invenção de huma Machina da qual se achou um grande numero d'ellas na Esquadra aprisionada em *Cadis*, e nos carros que se internaram pelas nossas Provincias, segundo o temos lido nas gazetas, e diarios publicos.

Com esta infernal descoberta pertencia o Tyranno anniquilar o nosso valor, fazendo a nossa sorte mais vil do que a dos Africanos selvagens. Não escaparia ninguem, o respeitavel Clero, os Monges, os Religiosos penitentes soffreriam a mesma sorte, e antes de dois mezes, se os planos

do Usurpador se verificassem, veriamos marchar os nossos valerosos Irmãos, e Compatriotas a quinze em cada Machina conduzida por um só dos seus vis Satélites, o qual por meio de uma móla os faria cahir por terra, opprimindo, e apertando suas gargantas. Esta era a felicidade que nos esperava, e a grande obra da nossa *Regeneração*; e para que jámais possamos esquecer, fizemos gravar a sobredito horrenda Machina, cuja explicação e desenho é o seguinte:

As letras *a, a*, são os cadeados, que fecham as argolas das extremidades; *b, b*, são os gonsos para facilidade de entrada e sahida; *c*, é a aza, e o cabo com que o conductor sujeita os prezos por meio de um tornozinho, que corresponde aos ferros, que se communicam com as quinze argolas marcadas com a lettra *d*, fazendo cahir os prezos por terra com um pequeno movimento de mão.



COISAS DO BRASIL

Rios mais importantes

Entre os principaes rios do Brasil destacam-se: o Amazonas, com 5:400 kilometros de extensão, o Paraná, com 4:390, o Madeira, com 3:240, o Purús, com 3:000, o S. Francisco, com 2:900, o Tocantins, o Araguaya, o Paraguay e o Juruá, com mais de 2:000, o Tapajás, o Xingú, o Japurá, o Guaporé, o Parnahyba, o Itapianú, o Uruguay, o Negro, o Içá, o Grande, o Iguassú, o das Velhas, o Tieté, o Marim, o Jequitinhonha e o Jutaby, com mais de 1:000 kilometros de extensão.

Data memoravel

A escolha da data de 3 de maio para a abertura dos trabalhos legislativos foi indicada pelo deputado por Minas Geraes á Assembléa Legislativa Constituinte de 1823, Antonio Peixoto Gomide, em carta escripta a José Bonifacio. A indicação foi aceita não só por lembrar o dia 3 de maio a descoberta do Brasil, como por ter sido tambem n'esse dia descoberta por Santa Helena a *santa cruz*, nome com que Cabral baptizou o Brasil.

Theatros

Republica. — *Rosa Engeitada*, peça em 6 actos de D. João da Camara. — **Colyseu dos Recreios.** — *Companhia de operetta italiana.* — **Avenida.** — *Sem Rei nem Roque*, revista em 3 actos e 12 quadros, original de Xavier da Silva e João Bastos, musica dos maestros Dias da Costa e Mendes Canhão.

Não registamos aqui a representação da *Rosa Engeitada*, do saudoso dramaturgo D. João da Camara, como uma novidade theatral, porquanto a peça é de sobejo conhecida, mas sim pela excellente interpretação que teve, pois que outra, melhor, difficil seria realisar. Todos á uma procuraram dar verdade ás personagens, e conseguiram-no, sem excepção. Assim, Adelina, continuou sendo a sympathica *Rosa*, a engeitada, sem cira nem beira, que se arrasta por uma vida viciosa, a isso levada pela necessidade, mas com um coração rico de bondade, sempre a idealisar um futuro honesto, uma regeneração, que o destino

mente se exhibe no **Colyseu**. e que além de um vastissimo repertorio, traz actores de reconhecido merito, podendo citar ao acaso as sr.^{as} Bagnolli, Anna Benelli, Zoada e os srs. O. Pecori, Franconi e Pietro Ponte.

Até hoje temos visto as operetas *Saltimbancos*, *Sonho de Valsa*, *Cigarra e Formiga*, *Viuva Alegre*, *Princesa dos Dollars* e *Geisha*, todas já nossas conhecidas e consagradas pelo mundo inteiro, que foram desempenhadas superiormente e postas em scena com luxo e propriedade.

E tudo isto nos dá o intelligentissimo empresario Antonio Santos por um preço diminuto, accrescendo que além das recitas para accionistas a meios preços, ás sextas feiras, ha tambem duas vezes na semana recitas populares em igualdade de circumstancias.

— O exito alcançado no novo **Theatro Moderno**, á Estephania, pela revista *Sem rei nem roque*, de Xavier da Silva e João Bastos, obrigou o empresario do reterido theatro a tomar o **Avenida** para a exhibição da revista, pois que o **Moderno** era pequeno para a affluencia enorme de espectadores que todas as noites pretendem ver o excellente trabalho dos applaudidos escriptores que, no genero, já tinham firmado os seus creditos na revista *O arco da velha*, que se representou no **Gymnasio**.

Sem rei nem roque tem originalidade e graça; desvia-se mesmo um pouco, n'alguns quadros, da norma seguida por outros revisteiros, e pena é que os seus auctores, que mostram talento e espirito, cahissem na velharia da scena do aeroplano, congere da do balão da revista *Sal e Pimenta*, que teve depois muitos imitadores. O primeiro quadro tambem é já cançado, — a eterna historia de um habitante de um planeta — que d'esta vez, se não estamos em erro, é Marte — que vem á terra ver em que param as modas. Passada, porém, a má impressão dos dois primeiros quadros, onde, apesar de tudo, ha graça em abundancia, entra-se em assumptos completamente novos, tratados habilissimamente, como o quadro do consultorio, que é um verdadeiro achado, traçado com mão de mestre, original do principio ao fim, interessando sempre, um dos melhores de revista que temos visto. Maior perfeição, creio, será difficil attingir, pois, sem luxo de guarda-roupa, cortejos, ou massas coraes, antes, simples, como uma scena de comedia, vivendo unicamente da finura do dialogo e do espirito, revela talento e largos conhecimentos technicos de theatro, sendo sem favor um bello trabalho.

O exito, porém, obtido por este quadro não consegue offuscar o brilho dos restantes, que deslizam rapidos ante a nossa vista, cheios de situações engraçadas, fazendo-nos rir constantemente e conservando-nos bem dispostos até final; e se, por vezes, um *savalidade* ou qualquer outro personagem já conhecido nos apparece é sempre n'uma passagem rapida e desenhada por uma fórma nova, que logo se manifesta n'um dito ou n'uma situação.

A musica, dos maestros Dias Costa e Mendes Canhão é apropriada, alegre e de effeito, e muito contribue para o exito da revista.

O desempenho muito bom, distinguindo-se Lucinda do Carmo, que tem excellentes trabalhos na interpretação da *Mi Lingua*, *Pa-poula* e *Grève*, este ultimo papel de grande intensidade dramatica, e que, todas as noites arranca immensos applausos aos espectadores, merecendo tambem referencias especiaes Henriqueta Fernandes, Amelia Silva, Viriato Lima, Santos Junior, que fez primeiramente o *compère*, agora a cargo de Antonio Pinheiro, que n'elle tem um apreciavel trabalho, merecendo tambem elogios pela fórma como ensaiou a peça.

Scenario e guarda-roupa de effeito.

— Na **Trindade** prepara-se para breve a primeira representação da peça hespanhola *Gente meuda*, de que nos dizem maravilhas.

E nada mais, por hoje.

Ruy.

Pequenada



Um grupo buliçoso e irrequieto que fez suar o photographo amador, Corrêa Santos, na faina de metter na ordem tantas cabecinhas loiras. Por fim a machina apanhou o grupo em que ha caritas risonhas, aqui e ali uns laivos de garridice feminina e «poses» estudadas em evidencia.

A surpresa da photographia foi o fecho da festa infantil que na tarde de Santo Antonio reuniu toda esta arraia miuda no terraço do sr. coronel João de Vasconcellos. Organizou-a sua esposa, D. Anna Judice. Muita arte e muito bom gosto. Muitas gulodices e muita alegria.

Que os pequenos de hoje se revejem mais tarde com saudade, quando surgir a primeira ruga, n'esta pagina que vamos deixar no archivo do BRASIL-PORTUGAL.

se compraz em nunca realisar. E' uma das suas melhores creações, mais de molde com o seu temperamento artistico, sentimental por instincto. Commove, seduz, enthusiasma! Tambem Alexandre de Azevedo desempenhou habilmente a parte de João Reinaldo, e bem assim Theodoro, no Malacucuo, que desenhou na perfeição, mostrando estudo e observação no seu trabalho. Os demais, como Pinto Costa, Rafael Marques, Alfredo Ruas, T. Vieira, Luz Velloso e Barbara, sem o menor desfallecimento, antes mostrando firmeza e consciencia.

— A opereta foi sempre genero muito do agrado do nosso publico e a prova é que nos nossos theatros, onde difficilmente se mantem durante a epoca de inverno uma companhia de comedia ou de drama, funcionam sempre trez companhias de opereta, e ás vezes mais, á compita sempre, qual maior numero de novidades offerece e mais ostentação apresenta na montagem das suas peças, arriscando sommas que no nosso meio, em que geralmente o numero de representações é limitadissimo, representam grandes emprehendimentos, chegando até a representar-se a mesma peça a um tempo em dois theatros. Haja em vista a *Viuva Alegre*, *Sonho de Valsa*, *Amores de Principe* etc., etc., e isto quando nos talham actores com aptidões para o genero, principalmente no respeitante a canto.

Ora, sendo assim, não é para extranhar o exito que entre nós está obtendo a companhia italiana de opereta Città di Firenze, que actual-